

Mestres do Mundo
José Martí: o pensador da liberdade dos povos latino-americanos

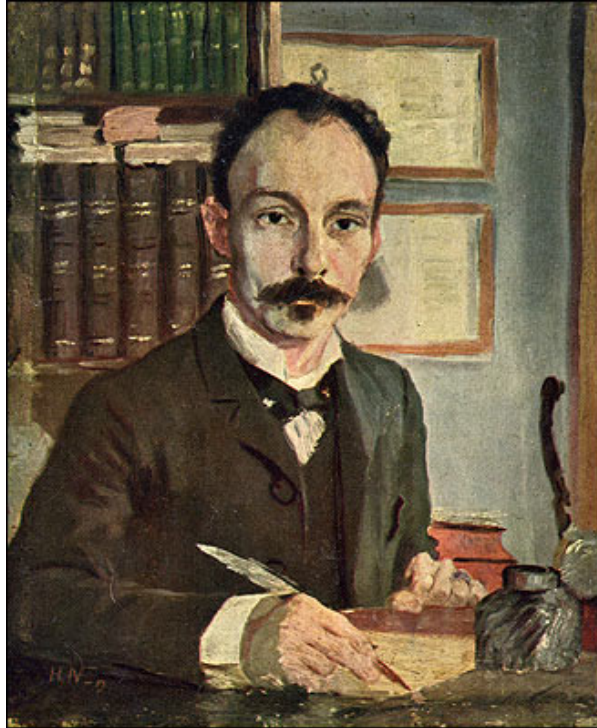


Imagem 1: José Martí.

Gabriela de Freitas Figueiredo Rocha
Fevereiro de 2014

Introdução

José Martí (1853-1895) foi um pensador e político cubano, que dedicou sua vida à escrita e à ação política na luta pela independência de seu país da colonização espanhola e pela construção de uma unidade latino-americana.

Além de ter participado ativamente da vida pública de sua época, Martí influenciou eventos como a Revolução Cubana (1953-1959) e ainda inspira movimentos políticos e culturais que se remetem a seu ideário poético e libertador. A sua trajetória, que une pensamento e ação de maneira tão radical que eles se tornam quase indistinguíveis, é marcada por uma forte temporalidade histórica e por outro lado, um humanismo que se pretendia atemporal.

Ao assumir uma posição de intelectual “engajado” e crítico em relação aos problemas que o afligiam desde jovem, quando observava as injustiças e opressões do contexto colonial, José Martí propunha pensar os limites da humanidade imaginando novos destinos para os povos oprimidos. Pensar o seu tempo, nas relações concretas que o produziam, era para Martí tão vital e urgente quanto agir sobre ele e nesse intuito ele adotou o caminho de universalizar sua experiência no mundo, construindo suas próprias concepções sobre o humano, a política, a liberdade e a identidade.

Da pluralidade de escritos que ele deixou, dentre eles ensaios, crônicas, poemas e discursos, poder-se-ia adotar uma série de perspectivas para se dizer quem foi José Martí, quais foram as repercussões de seu pensamento, e porque ele deve ser reconhecido como um *Mestre do Mundo*. Propõem-se aqui relacionar o caráter anticolonial e contra-moderno do pensamento de Martí, ao versar sobre a política como luta pela independência dos povos colonizados, ao desenvolvimento de uma ideia de identidade latino-americana, fundamentada na originalidade de seu processo histórico.

Embora a necessidade de universalizar o particular e de resgatar uma unidade originária dos povos latino-americanos demonstre a raiz ainda muito moderna do pensamento martiano, é preciso ressaltar o caráter ensaístico da sua escrita histórica, para perceber o potencial transformador dela. Martí tinha a consciência de que seu texto se inseria nas tensões e disputas por uma representação da modernidade que dirigisse os destinos políticos da América Latina.

Assim, originalidade dos povos latinos, para ele, fazia parte de um discurso, uma perspectiva própria da história, que pretendia reescreve-la, a fim de projetar novos futuros. É nesse sentido, na compreensão da história como um processo aberto em que sujeitos políticos ressignificam a sua existência, que se verificará a atualidade do pensamento de José Martí para os movimentos políticos e identitários da contemporaneidade.

José Martí: a construção do pensador e do libertador

Cuba era ainda um dos territórios sob domínio colonial espanhol quando, em 28 de janeiro de 1853, nascia em Havana José Julián Martí Pérez, filho de Mariano Martí, sargento de polícia da cidade, natural de Valência, na Espanha, e Leonor Pérez Cabrera, das Ilhas Canárias.

Desde muito cedo, Martí demonstrava grande afinidade com as letras e com o pensamento, o que acabou por aproxima-lo de um de seus professores da escola secundária, o poeta Rafael Maria de Mendive. Seria ele um dos responsáveis por incitar os ideais separatistas na mente do jovem rapaz, que com apenas dezesseis anos foi preso pelo governo espanhol por estar na posse de documentos considerados revolucionários. Naquela época, Martí já havia participado da publicação do periódico “La Patria Libre”, em 1869, ano em que o clima político em Cuba se encontrava extremamente conturbado, pois se iniciara em 1868 um processo de independência na colônia, sob a liderança de Carlos Manoel Céspedes.

A luta pela independência política de Cuba concluiria a última etapa da decadência do domínio colonial espanhol nas Américas (Retamar, 1978), pois o processo de libertação das colônias continentais havia se concretizado ainda na primeira metade do século XIX, restando ainda aos espanhóis o controle sobre os países da América Central. Cuba se caracterizava então, por um sistema político oligárquico e uma economia voltada para a exportação e escravocrata. O próprio líder do início do processo revolucionário, Céspedes, era um latifundiário com ideias liberais, que acabou sendo deposto, após proclamar a independência, pela falta de apoio do restante das elites conservadoras e colonialistas.

José Martí se tornaria um dos líderes da libertação cubana bem após o seu exílio de Cuba, ocorrido em 1871, decorrente de sua condenação a seis anos de trabalhos forçados por seu envolvimento com atividades políticas. Ao sair de seu país

e seguir para a Espanha, com apenas dezoito anos, Martí teria sua vida marcada pelo constante trânsito por vários países, em meio ao qual ele se tornou um observador da vida política e cultural de cada contexto por que passava e ao mesmo tempo um pensador crítico sobre o projeto político de independência de seu povo. Viver longe das suas origens fez com que Martí se concentrasse no problema das raízes, daquilo que faz e constitui um povo como corpo político e social.

Na Espanha, Martí se graduou em Direito, Filosofia e Letras. Viveu ainda em França, México e Guatemala, até retornar a Cuba em 1878, após a primeira fase da guerra da independência, mas foi novamente deportado logo em seguida, em 1880, pelo envolvimento com atividades revolucionárias. Foi para Nova Iorque, em 1881 e por lá ficou até a sua morte, em 1895, tendo tido uma breve passagem pela Venezuela. Foi nos Estados Unidos onde Martí vivenciou o seu período mais produtivo, tanto na publicação de crônicas, artigos e textos literários, quanto na sua atividade política. Ele publicava em periódicos como *La Opinión Nacional*, de Caracas; *La Nación*, de Buenos Aires e *El Partido Liberal*, do México. Em 1892, fundou o Partido Revolucionário Cubano e o seu jornal diário *Patria*, onde ele divulgava as suas propostas separatistas e seus ideais de libertação.

A presença de Martí nos Estados Unidos foi fundamental para que ele tivesse uma visão clara de como as relações de exploração das antigas colônias tendiam a se perpetuar no modelo imperialista que esse país passava a impor às nações da América espanhola, sobretudo às da América Central, ainda fragilizadas pela permanência das estruturas coloniais. Além disso, foi exatamente nesse contexto em que ele desenvolveu a sua proposta revolucionária contra-moderna de América, a *Nuestra América*, centrada na urgência de valorizar as origens autênticas das nações latino-americanas, para se contrapor ao projeto político estadunidense, que perpetuaria a dependência e a servidão.

Martí regressou a Cuba apenas em 1895, para liderar a revolução e a luta pela independência. Antes foi, à República Dominicana, onde publicou o *Manifiesto de Montecristi*, um dos documentos mais importantes, que indicava as principais diretrizes do movimento revolucionário. Chegou a Cuba no mês de abril daquele ano, para se juntar às forças de guerra e no dia 19 de maio, José Martí caiu no campo de batalha de Dos Ríos, derrubado por um tiro das tropas espanholas. As guerras de independência durariam até 1898, quando Cuba se tornou uma república independente do domínio espanhol.

A trajetória intelectual e política de José Martí e sua luta pela independência, as quais eram inseparáveis de numa reflexão profunda sobre a história, as condições objetivas e subjetivas de formação de um povo livre, constituíram uma miríade de representações que são fundamentais para se compreender os processos políticos e identitários da América Latina de hoje.

Por meio dessa breve biografia de José Martí, uma entre dezenas que já foram produzidas, intenta-se resgatar alguns significados de sua obra, reconhecendo a marginalidade de seu pensamento e tentando maximizar o seu potencial na construção de novas formas de pensar os processos históricos e políticos.

Liberdade como independência

Las columnas son sustento más seguro de un pueblo que los lomos. Los lomos se han de enderezar. Las columnas se rompen, pero no se doblan. La obra de la columna no podría hacerse con los lomos (Martí, 1892/2001: 356).

Quando José Martí fundou o Partido Revolucionário Cubano, em 1892, como etapa do projeto político de promover a independência das nações cubana e porto-riquenha, ele afirmava: “o Partido Revolucionário é o povo cubano”. O tom vociferante de Martí em seus artigos de conteúdo político se mesclam a uma racionalidade clara na maneira como ele interpreta a política e transforma essa interpretação em um discurso concreto e programático.

“Ser o povo cubano” é algo que não existe por si, pois significa se constituir enquanto povo a partir de um projeto político virtuoso, que esteja a serviço da liberdade de todos e não do privilégio de alguns em detrimento dos demais. A concepção de liberdade martiana é eminentemente política e além disso, republicana e nacionalista.

Para compreender o sentido mais profundo que Martí atribui à liberdade, o elemento central de seu pensamento é a ideia de independência, algo que não se reduz simplesmente à autonomia do governo cubano em relação ao jugo espanhol:

La independencia, que se anhela para fundir en el trabajo victorioso de la creación del pueblo nuevo los factores que pueden debilitarlo o rendirlo al extraño si se aflojan o divorcian, jamás podrá ser la continuación de la obra tortuosa, indecisa, descorazonada y parcial de la autonomía. (Martí, 1892/2001: 356)

A ideia de independência perpassa todo o pensamento martiano, na sua visão sobre a política e a própria condição humana e é fundamental para a sua elaboração da sua concepção de unidade latino-americana. Independência não é um projeto que se constrói apenas no plano institucional, mas, principalmente, no plano espiritual, quando um povo desenvolve a capacidade de pensar sobre si mesmo, a partir de sua própria realidade.

Em um sentido mais radical, a independência política cubana e de todas as nações latino-americanas é a condição sem a qual elas não poderão ser livres e ao mesmo tempo, é a consequência de uma liberdade espiritual que só se pode desenvolver a partir de uma transformação do pensamento.

Assim, para ele não bastava que um governo republicano nacional substituísse formalmente as instituições espanholas para se considerar que haveria ali uma nação liberta. Martí sabia muito bem que as relações coloniais criavam raízes profundas nas nações descolonizadas, principalmente ao formar elites que se comportavam como verdadeiras tiranias, mantendo as mesmas estruturas de dominação e as relações de dependência com a antiga metrópole.

O estereótipo do colonizado, o desprezo pelas populações racializadas, não europeias e supostamente inferiores, continuava a dividir, de um lado, as elites que se imaginavam muito mais próximas à Europa do que a sua própria nação e de outro lado, uma massa de pobres escravizados.

El adversario es la constitución colonial, que en la independencia misma avivase los gérmenes de discordia, por regiones y colores, que la república trae en sí, y perpetuase la primacía leguleya en un país que debe entrar inmediatamente al trabajo y equilibrio de sus potencias reales. Con el espíritu magnánimo y cierto y con sus métodos rápidos y seguros, ha de combatir el Partido Revolucionario Cubano, no con la magia perdida de los nombres, el gobierno ajeno y la constitución colonial (Martí, 1892b/2001:365).

Para Martí, o que fratura as novas repúblicas americanas, o que as incapacita de serem livres é a perpetuação do colonialismo nas estruturas políticas internas, na formação de partidos políticos que não representam a totalidade dos interesses nacionais, na manutenção de uma visão eurocêntrica e modernizante sobre a própria identidade.

Ele se mostra ainda bastante crítico à intelectualidade modernizadora de sua época, aquela que se esforçava por reproduzir os princípios da civilização europeia e assim, caíam num vazio de ideias abstratas e de liberdades formais, que não seriam capazes de superar as injustiças e os privilégios das elites nativas. “Os jovens saem pelo mundo adivinhando as coisas com óculos ianques ou franceses e pretendem dirigir um povo que não conhecem” (Martí, 1891/1983:195).

O exercício da política, para Martí, exigia um conhecimento profundo sobre a realidade local, algo que as elites governantes, formadas a partir da visão estereotipada do colonizador, eram incapazes de oferecer. Daí porque sua compreensão de governo, de república e de política é fincada numa perspectiva histórica, temporalizada, situada num contexto concreto, capaz de conjugar pensamento e prática.

O governo deve nascer do país. O espírito do governo deve ser o do país. A forma de governo deve concordar com a constituição própria do país. O governo não é mais do que o equilíbrio dos elementos naturais do país (Martí, 1891/1983:197).

Em outro artigo, *La política* (1892c/2001), Martí compara a política ao papel de um filho, que deve servir e proteger a sua própria mãe. A política deve promover a comunhão natural de um povo que foi disperso pelas relações artificiais de poder e de violência promovidas pelo colonialismo. O “inimigo” de uma nação é o estrangeiro, aquele que violenta o outro para servir a seus interesses e assim, não o reconhece como sujeito de sua história, apenas como um objeto de apropriação.

*El enemigo brutal
Nos pone fuego a la casa.
El sable la calle arrasa,
A la luna tropical.*

*Pocos salieron ilesos
Del sable del español.
La calle, al salir el sol,
Era un reguero de sesos.*

*Pasa, entre balas, un coche,
Entran, llorando, a una muerta,
Llama una mano a la puerta
En lo negro de la noche [...].* (Martí, 1891/2001: 102)

E para combater o inimigo, é preciso que se saiba o que une esse povo, para que ele seja capaz de reconstruir a si mesmo. A revolução aparece aqui como um momento significativo para a garantia da independência. Ela não é um fim em si mesma, ela não se destina unicamente a promover uma mudança *dos* homens que exercem o poder, mas antes *nos* homens que o fazem.

Nada espera el pueblo cubano de la revolución que la revolución no pueda darle. Si desde la sombra entrase en ligas, si con los humildes o con los soberbios, sería criminal la revolución, y indigna de que muriésemos por ella. Franca y posible, la revolución tiene hoy la fuerza de todos los hombres previsores, del señorio útil y de la masa cultivada, de generales y abogados, de tabaqueros y guajiros, de médicos y comerciantes, de amos y libertos. Triunfará con esa alma, y perecerá sin ella. Esa esperanza, justa y serena, es el alma de la revolución. Con equidade para todos los derechos, con piedad para todas las ofensas, con vigilancia contra todas las zapas, con fidelidad al alma rebelde y esperanzada que la inspira, la revolución no tiene enemigos, porque España no tiene más poder que el que le dan [...] (Martí, 1894/2001:138).

Daí porque Martí se apega a um projeto de unidade. A unidade, para ele, é historicamente determinada, pelas condições existentes na formação cultural e espiritual de um grupo, mas apenas se completa e se efetiva por meio da independência política, pois com a unidade se define o inimigo – o colonialismo espanhol e posteriormente, o imperialismo norte-americano – e se criam as condições práticas para se lutar contra ele.

Nuestra America: a unidade latino-americana

A proposta de unidade latino-americana remonta o processo de independência das colônias espanholas continentais e está associada à figura de Simon Bolívar, considerado o grande herói da libertação, para quem a independência política e econômica dos novos países exigia a integração política, a fim de que tivessem forças para combater os mesmos inimigos imperiais.

Tal proposta acaba se desvirtuando para um projeto político de feições autoritárias e não prevalece, mas permanece como uma referência à maneira de se imaginar e representar as identidades nacionais que se constituíam no século XIX e que permanecem sendo reconstituídas ao longo da história dos diferentes países latino-americanos.

A disputa entre integração de um lado, e particularismo de outro tornou-se o cerne dos problemas fundamentais envolvidos na descolonização da América Latina. Descolonizar-se significaria superar as condições que incapacitavam essas nações de acederem ao desenvolvimento civilizacional europeu ou, pelo contrário, romper profundamente com todas as referências criadas pela metrópole para legitimar a dominação colonial? A América Latina deveria se desenvolver autonomamente, resgatando o que o processo colonial havia destruído, ou ela deveria deixar para trás os destroços da colonização e construir uma “nova Europa”, capaz de se lançar no espaço internacional em condições similares às dos outros países? Para o poeta Roberto Fernández Retamar (1978; 1989), herdeiro do pensamento de Martí, a identidade latino-americana, diferentemente da dos demais povos colonizados, é caracterizada pela originalidade de ser essencialmente mestiça, daí que os processos de independência tenham sido tão significativos para forjar as raízes que nunca estiveram fixadas em nenhuma referência de origem predominante.

Todas essas questões marcavam o contexto em que vivia José Martí, os diferentes projetos políticos que estavam em jogo na luta pela independência dos países ainda sob o domínio espanhol. Um elemento importante da época era o crescimento do poderio econômico e político dos Estados Unidos, país em que Martí viveu exilado durante quinze anos, onde presenciava o surgimento de um projeto imperialista de América e emergiam para ele os desafios de lutar pela independência cubana num contexto em que os poderes coloniais se rearticulavam em novos jogos de forças.

Para Martí, a inspiração de Bolívar serviu à elaboração uma perspectiva contraposta ao pensamento que predominava entre os estudos sobre a identidade latino-americana, segundo o qual era preciso “civilizar” as nações através da modernização, o que significaria expurgar os traços de barbárie advindos das raízes imperfeitas dos povos nativos. O racismo desse raciocínio alcançou grande notoriedade principalmente na obra de Domingo Faustino Sarmiento, *Facundo, ou civilização e barbárie*, lançada em 1845, da qual Martí se tornaria grande opositor. Segundo Sarmiento, os países latinos deveriam se desenvolver pelas estratégias de branqueamento, na visão dele bem sucedidas na formação dos Estados Unidos.

A ideia de uma identidade latino-americana em Martí, embora atravessasse boa parte de seus escritos, encontra-se mais elaborada no ensaio *Nuestra América*,

publicado em 1891. Nele, Martí propõe um manifesto que convoca os povos latino-americanos a subvertem a perspectiva colonial sobre suas identidades e reinventarem uma América emancipada, tanto politicamente quanto filosoficamente e epistemologicamente:

Os homens naturais venceram os letrados artificiais. O mestiço autóctone venceu o crioulo exótico. Não há batalha entre a civilização e a barbárie, mas sim entre a falsa erudição e a natureza (...) Por esta concordância com os elementos naturais desdenhados, subiram ao poder os tiranos da América; e caíram logo após tê-los traído. As repúblicas purgaram, nas tiranias, sua incapacidade de conhecer os elementos verdadeiros do país, de derivar deles a forma de governo e de governar com eles. Governante, num povo novo, quer dizer criador (Martí, 1891/1983:195).

Nuestra América levanta as diferentes formas como as relações coloniais se perpetuam no imaginário das sociedades latinas, na maneira como as populações representam a si mesmas, no comportamento arrogante das elites governamentais, que se mantêm subjugadas ao poder que vem de fora e assim mantêm os vínculos de dependência.

Martí denuncia o racismo do projeto político que pretende implantar novos impérios na América Latina, consciente de que para além da herança colonial espanhola, de contornos muito mais concretos aparece a ameaça imperialista dos Estados Unidos. As transições políticas não teriam alterado a raiz do problema, que para Martí é violência colonial, que nega a possibilidade da existência e de autogoverno das populações nativas da América. Para ele, é preciso que um novo projeto político resgate as raízes comuns desses povos, os elementos naturais contra os artificiais, ou seja, a autenticidade contra o projeto civilizacional moderno vindo de fora.

“Ser autêntico” para Martí não tem um sentido meramente abstrato, ou seja, ele não se apoia na ideia universal do “bom selvagem” e nem na possibilidade de encontrar essas raízes intactas, exatamente como elas teriam sido antes do processo colonial. Martí acredita na formação de uma nova identidade política, projetada para o futuro, mas fincada na necessidade de reelaborar o seu próprio passado e se relacionar com ele de maneira libertadora. Além disso, ele retoma a importância da liberdade no nível espiritual, no pensamento e na forma como as sociedades organizam e produzem o conhecimento:

Conhecer é resolver. Conhecer o país e governa-lo conforme o conhecimento é o único modo de livra-lo de tiranias. A universidade europeia deve dar lugar à universidade americana (Martí,1891/1983:198).

Esse ponto indica que *Nuestra América* tem, para além de uma enorme força política, um sentido revolucionário também no campo epistemológico. Boaventura de Sousa Santos destaca a significado de *Nuestra América* na produção de uma subjetividade latino-americana utópica, contestatória, embebida do que ele denomina de otimismo trágico, “a experiência dolorosa e a consciência lúcida dos obstáculos à emancipação e, por outro lado, a crença inabalável da possibilidade de os superar” (Santos, 2006, p. 204). Martí inaugura, para Santos, uma contra-modernidade que possibilitaria a produção e legitimação de conhecimentos localizados, profundamente implicados à experiência concreta das populações e além disso, de outras formas de conhecer (Santos, 2006).

A unidade latino-americana, assumindo a forma de um modelo de contra-modernidade, tem sua força expandida como um discurso de libertação que se recusa a pensar a política deslocada da cultura, da história, dos valores, das subjetividades. Enquanto projeto político, acabou por ser contra-hegemônica em relação aos destinos que os países latino-americanos tiveram no contexto das relações internacionais, pois a América Latina continuamente recriou os seus vínculos com os padrões da modernidade e com os modelos imperialistas e neocolonialistas de governo.

Contudo, *Nuestra América* é um texto ainda vivo, que se reinscreve no tempo por sua capacidade de provocar as tensões do presente, radicaliza-las, a fim de potencializar a abertura imaginativa do processo histórico. Trata-se de um texto universal, exatamente por ser demasiado situado, visceral, honesto. Mais do que um conjunto de afirmações sobre quem é o ser latino-americano, ele é, acima de tudo, um ensaio, uma forma de relacionar teoria e cultura, pensamento e ação, sem que um incorpore o outro e prevalecendo o caráter inconcluso da obra.

Nesse sentido, é fundamental a proposta de Santos, baseada em todas as lutas que *Nuestra América* inspirou e ainda inspira, reinventar o significado dessa obra como metáfora para as lutas contra-hegemônicas atuais e para o diálogo, a troca e estabelecimento de conexões com outras lutas, em contextos pós-coloniais diferentes do latino-americano (Santos, 2006). Para tanto, é importante transnacionalizar

Nuestra América e romper com a sua matriz moderna de representar as identidades excessivamente em termos de unidade e de integração.

Martí e a Revolução Cubana: a perspectiva global da exploração

[...]ya estoy todos los días en peligro de dar mi vida por mi país, y por mi deber-puesto que lo entiendo y tengo ánimos con que realizarlo-de impedir a tiempo con la independencia de Cuba que se extiendan por las Antillas los Estados Unidos y caigan, con esa fuerza más, sobre nuestras tierras de América. Cuanto hice hasta hoy, y haré, es para eso. [...] Las mismas obligaciones menores y públicas de los pueblos,- como ese de Vd. y mío,-más vitalmente interesados en impedir que en Cuba se abra, por la anexión de los imperialistas de allá y los españoles, el camino, que se ha de cegar, y con nuestra sangre estamos cegando, de la anexión de los pueblos de nuestra América al Norte revuelto y brutal q. los desprecia,-les habrían impedido la adhesión ostensible y ayuda patente a este sacrificio que se hace en bien inmediato y de ellos. Viví en el monstruo, y le conozco las entrañas;-y mi honda es la de David.(Martí, 1895/2001:167)

O trecho da carta acima, em que José Martí prenuncia a sua morte, que se daria no dia seguinte, em campo de batalha pela libertação cubana, é citado por Fidel Castro, sessenta e sete anos depois, em um célebre discurso que ficou conhecido como *Segunda Declaración de Habana*.

A independência de Cuba, projeto pelo qual Martí se sacrificou, viria se oficializar apenas três anos após a sua morte, com a participação dos Estados Unidos, que para expandir o seu domínio sobre a América Central, apoiou a libertação de Cuba do domínio espanhol, para que ele mesmo pudesse ocupar a ilha. A Guerra Hispano-Americana, travada entre os Estados Unidos e a Espanha, provocou a rendição desta última e consequente renúncia à soberania sobre de Cuba, Porto Rico e as Filipinas, oficializada em 1902. Apenas nesse ano foi criada a República de Cuba, mas já com um forte vínculo de dependência aos Estados Unidos, que inseria na constituição cubana a Emenda Platt, autorizando a sua intervenção sempre que o governo cubano contrariasse os seus interesses.

Consolida-se, assim, o projeto político contra o qual Martí havia elaborado as suas concepções de política, liberdade e independência. O “monstro” que ele vira nascer enquanto vivia exilado nos Estados Unidos, fez vingar o domínio imperialista e

impôs a permanência de uma América Latina ainda atrelada aos interesses externos e a vitória de uma modernidade fundada em liberdades republicanas puramente formais.

Na perspectiva de Roberto Retamar, a proposta de *Nuestra América* de Martí era demasiado avançada para sua época, pois não havia condições objetivas para se realizar. O pensamento revolucionário de Martí teria ficado adormecido durante quase um século e só teria encontrado um terreno fértil para florescer, com muito mais força e concretude, com a Revolução Cubana, na segunda metade do século XX:

[...] los latinoamericanos que a partir de la Revolución de Octubre abrazan creadoramente el marxismo-leninismo podrán ser voceros de los más genuinos de nuestra América, mientras quienes lo rechazan aduciendo que lo consideran una doctrina extraña, inadaptada a nuestra realidad, serán de hecho continuadores de los “civilizadores” del siglo XIX; es decir, quienes sirven de cauce a nuestra sujeción al mundo occidental y a nuestra conseguinte explotación por el imperialismo (Retamar, 1978:41).

Os revolucionários cubanos da década de 1950 viviam em uma Cuba de governos oligárquicos e corruptos, com forte dependência econômica e política. Não havia tantas diferenças em relação ao contexto presenciado por Martí, mas uma outra conjuntura global, que permitia a esses novos revolucionários lerem *Nuestra América* atualizando o seu sentido à luz das potencialidades políticas da época.

¿Qué es la historia de Cuba sino la historia de América Latina? ¿Y qué es la historia de América Latina sino la historia de Asia, África y Oceanía? ¿Y qué es la historia de todos estos pueblos sino la historia de la explotación más despiadada y cruel del imperialismo en el mundo entero? (Castro, 1962)

O processo revolucionário cubano, que culmina na derrubada do presidente Fulgêncio Batista, em 1959, e a instauração de um governo revolucionário de caráter marxista-leninista sob a liderança de Fidel Castro, está intimamente ligado à repercussão de *Nuestra América* para a história dos movimentos políticos que atravessam o continente. A metáfora cunhada por Martí é universalizada, ao se associar a opressão dos povos latino-americanos à exploração capitalista sofrida por todo o proletariado. A Revolução Cubana traz a perspectiva global que o marxismo propõe sobre o capitalismo como uma forma de reinscrever as ideias de Martí enquanto produtora de novos significados e possibilidades para a história dos povos latino-americanos.

Cuba duele de manera especial a los imperialistas. ¿Qué es lo que se esconde tras el odio yanqui a la Revolución Cubana? [...] Los une y los concita el miedo. Lo explica el miedo. No el miedo a la Revolución Cubana; el miedo a la revolución latinoamericana. [...] Pero el desarrollo de la historia, la marcha ascendente de la humanidad no se detiene ni puede detenerse. Las fuerzas que impulsan a los pueblos, que son los verdaderos constructores de la historia, determinadas por las condiciones materiales de su existencia y la aspiración a metas superiores de bienestar y libertad, que surgen cuando el progreso del hombre en el campo de la ciencia, de la técnica y de la cultura lo hacen posible, son superiores a la voluntad y al terror que desatan las oligarquías dominantes (Castro, 1962).

Nesse trecho, Fidel deixa claro a inspiração martiana sobre o ideário revolucionário cubano. Assim como em Martí, a humanidade é o verdadeiro sujeito revolucionário, mas ela só desenvolve a sua força para se afirmar enquanto tal a partir das relações concretas, objetivas, que permitem a compreensão da própria realidade e o que a constitui. Demonstra-se também que esse espírito revolucionário objetivava se expandir para além das fronteiras da ilha cubana, o que acabou se concretizando com a tomada do poder de alguns governos de tendência socialista, como ocorreu na Guatemala, Brasil, Argentina e Chile. Porém, a polarização mundial do contexto de guerra fria possibilitou aos Estados Unidos controlarem as ameaças ao bloco capitalista ao apoiar os golpes militares que manteriam no poder as tradicionais oligarquias de todos esses países, alinhados aos interesses ianques.

Ainda que com contornos marxistas, que reforçam a globalidade da exploração capitalista e o seu caráter eminentemente econômico, há no discurso revolucionário cubano e em todo o processo que ele desencadeia a centelha da busca pela autenticidade na identidade latino-americana. Contudo, aqui fica mais explícito o caráter emergente e estratégico dessa identidade. Ela existe como um produto da modernidade, ela foi forjada enquanto tal, mestiça e subjugada pelas relações coloniais e pelo capitalismo imperialista, e precisa urgentemente se desgarrar das entranhas do “monstro”, para se desenvolver plena e autonomamente.



Imagem 2: Monumento de José Martí na Tribuna Antiimperialista, em Havana.

Martí e os Estados Unidos: as memórias em disputa

A memória de Martí, embora tenha sido apropriada e exercido evidente influência no processo revolucionário cubano, nunca serviu a uma só interpretação ou a uma só perspectiva ideológica. Ao passo que as ideias de liberdade martianas inspiravam Fidel Castro e os revolucionários socialistas, outras lideranças políticas, como o próprio Fulgêncio Batista, também buscaram a sua referência para afirmar posições antagônicas.¹

Isso decorre do fato de que a trajetória de Martí na busca pela construção de um projeto nacional unificador se atrelava a valores universais, como a liberdade, a independência, a educação, a cultura – o que é apropriado por visões bastante contraditórias sobre quais projetos concretos realizariam esses valores. Daí porque a própria memória de Martí se torna um objeto de disputa, ainda mais ao se considerar que ele mesmo foi um sujeito deslocado das raízes que tanto exaltava, não tendo nunca podido fazer parte da construção concreta do projeto nacional que propusera.

Martí “encontrou” a *Nuestra América* estando fora dela, exilado de uma experiência de libertação a partir do cotidiano das populações mestiças, que sofriam a

¹ Ver em Kirk, John M. José Martí and the United States: A Further Interpretation, *Latin America Studies*, 9, 2, 275-290. Disponível em <http://www.latinamericanstudies.org/cuba/marti.pdf>. Acesso em 18/02/2014.

exploração colonial e resistiam a ela. Enquanto isso, ele vivia e conhecia a realidade de uma nação em crescente ascensão econômica, cultural e política, os Estados Unidos. No seu exílio, ele pôde imaginar e projetar os destinos da independência cubana, muito em função dos rumos trilhados pela nação norte-americana, que para ele era exemplo de um processo de independência bem sucedido, com semelhanças e de diferenças em relação aos países do sul da América.

Como escritor e profundo observador das culturas que conhecia, Martí foi um elaborador de narrativas sobre a história de seu tempo, muito mais do que um partícipe dos fatos e feitos que suas palavras projetavam. Por outro lado, a memória de Martí permitiu a construção de outras tantas narrativas, múltiplas, que moveram homens e mulheres em direções diversas, até mesmo opostas.

As ambiguidades da memória de Martí estão também ligadas às experiências que ele viveu nos Estados Unidos e sobre as quais ele tanto escreveu, durante os anos em que esteve por lá. Foi lá que ele se encantou por traços da cultura norte-americana, como a valorização da liberdade de expressão e de pensamento. Também no aspecto educacional, ele pensava que a sociedade norte-americana estava muito mais desenvolvida e compreendia que as práticas educacionais lá adotadas, segundo uma tradição mais pragmatista e científica, eram mais adequadas para a construção da nação latino-americana do que as heranças europeias.

Ainda durante o período em que viveu em Nova Iorque, Martí se tornou um porta-voz dos exilados e imigrantes, mostrando sua sensibilidade e preocupação com aqueles grupos de identidade de diáspora, deslocados de suas origens e integrados a uma sociedade que, se por um lado se mostrava inspirada nos valores da liberdade e da oportunidade, por outro era marcada pela postura imperialista das elites econômicas ascendentes.

Na convivência com as características contraditórias da cultura norte-americana, Martí desenvolveu um olhar crítico em relação à maneira de se fazer política nos Estados Unidos e repudiava a atuação das elites econômicas em governar todas as esferas da vida, invadindo o espírito nacional com a ganância pelo lucro insaciável. Ele então conhecia “as entranhas do monstro”, nascendo numa sociedade que se tornava excessivamente materialista e individualista.

Isso não significava a rejeição completa ao projeto nacional norte-americano, que para ele continha características republicanas interessantes, mas à imposição deste às nações latino-americanas que lutavam por sua independência. Era o imperialismo econômico e cultural, a conformação desigual das forças políticas a partir da hegemonia econômica de um país que para Martí comprometeria a independência de Cuba e das demais nações de *Nuestra América*. Portanto, o problema não estava nos Estados Unidos em si, mas na constante ameaça de que pequenas elites privassem populações latino-americanas da possibilidade do autogoverno, a partir de suas próprias necessidades e características.

Por essa razão, o ideário martiano é também inspiração para aqueles que se opõem ao governo socialista implantado por Fidel Castro, que se perpetuou no poder até os dias de hoje, por meio da negação de direitos políticos e da liberdade de imprensa. Para esses movimentos, a essência do pensamento de Martí – a busca de uma república que garanta a liberdade espiritual dos povos – não se coaduna a um governo que nega a liberdade de pensamento pela imposição de uma única ideologia, ainda que esta tenha tido um caráter revolucionário em seu princípio. Assim, muitos deles resgatam a visão positiva que Martí nutria sobre a sociedade norte-americana, o seu apreço pelo espírito empreendedor e pragmático e a sua não adesão a visões dicotomizadas da política.

Nesse sentido, acabamos por concluir que a memória, enquanto discurso que se faz no presente através de interpretações diversas e inclusive antagônicas sobre o passado, apenas parcialmente está envolta aos fatos que ocorreram, às trajetórias pessoais de nossos heróis, pois ela vai muito além disso. Ela nos serve de referência sobre o que fomos, mas descreve muito mais o que somos e o que queremos ser. A memória reflete as diferentes perspectivas sobre a história e além disso, os limites e possibilidades que estas nos abrem na construção cotidiana de nossos projetos políticos. Martí sabia muito bem disso e talvez este seja um dos maiores contributos de sua obra.

Palavras e revolução: o caráter ensaístico da escrita de Martí e os projetos que ele inspira

*¿Qué me importa que tu puñal
Se me clave en el riñon?
Tengo mis versos,
Que son más fuertes que tu puñal!*

*¿Qué me importa que ese dolor
Seque el mar, y nuble el cielo?
El verso, dulce consuelo,
Nace alado del dolor. (Martí, 1891/2001: 114)*

Ao longo do tempo, a memória de Martí foi sendo produzida, suas ideias revisitadas e reapropriadas a partir de múltiplos referenciais, a ponto de ele ser conhecido como um dos principais pensadores da liberdade dos povos latino-americanos e de todo o mundo.

Todavia, mesmo sendo um pensador tão profícuo, Martí não sintetizou as suas reflexões em uma só obra, pois elas ficaram dispersas em artigos, ensaios, discursos, cartas e poemas, como um saber prático que se destina a se difundir para além das fronteiras intelectuais. De modo semelhante, as influências de Martí acabaram sendo tão dispersas quanto a sua obra, na poesia, na música, nos discursos, no pensamento sociológico e político. Seria no mínimo inconsequente pretender resumir aqui toda a herança martiana até os dias atuais, daí porque se intenta unicamente sugerir algumas direções para que ela seja descoberta, revista e continuamente produzida.

Uma das características de Martí se reflete na maneira como seu trabalho impacta as gerações seguintes e serve de inspiração ao pensamento sobre a América Latina e aos movimentos políticos: a crítica ao lugar da intelectualidade. Para ele, pensar e conhecer impescindiam de uma relação dialética com a prática, a ação e a experiência. Essa era uma postura extremamente inovadora para sua época e não se pode dizer que ainda não o seja.

Assim como na trajetória de Martí, a disputa por contra-modernidades continua sendo uma tarefa árdua, que se coloca na fronteira da ação e do pensamento a fim de questionar e subverter essa dicotomia. Todavia, como se trata de uma tarefa muito mais repleta de incertezas do que de certezas, ela nos coloca em constantes riscos de retrocessos, de que nossas expectativas e projeções acabem sendo frustradas,

até mesmo expurgadas ou invizibilizadas da história. Daí a necessidade de resgatar nomes e experiências que foram subalternizados pela modernidade hegemônica – através de estratégias como a sociologia das ausências e das emergências, proposta por Boaventura de Sousa Santos (Santos, 2006) – e de reinscreve-los nas lutas do presente como passados que não puderam se concretizar, mas que ressurgem na nossa capacidade de combater o mito do fim da história.

O caráter ensaístico da obra de Martí é especialmente produtivo neste momento. A partir dele, percebemos que é preciso conhecer as realidades e conjunturas, os fatores que determinam a vida social, mas além disso, é preciso se posicionar diante deles sem que a nossa observação os enclausure em significados estanques. O conhecimento, a escrita e a imaginação não se desprendem nessa atividade, pois a palavra não busca confirmar aquilo que existe, mas antes transformar o que existe a partir das potencialidades que a escrita/ação pretende irromper.

Essa é a leitura que Santos faz sobre Martí, ao propor refundar a *Nuestra América*, mas não como um projeto do século XIX, idealizado no contexto da luta pela independência cubana. Para ele, a *Nuestra América* de Martí, embora se tenha feito presente nas alternativas políticas radicais que surgiram no século XX – como os movimentos zapatista e sandinista, as lutas indígenas, camponesas e sindicais – acabou por “sobrestimar o caráter comum dos interesses e as possibilidades de união em redor dos mesmos. [...] Em vez de unir, *Nuestra América* sofreu um processo de balcanização”. (Santos, 2006: 214). A unidade foi muito mais produtiva para o lado do capital, da crença na infalibilidade dos princípios e instituições modernos.

Nesse sentido, há que se indagar sobre o vínculo da ideia de *Nuestra América* a uma perspectiva ainda moderna de se pensar as identidades. Ainda que os processos de exploração humana que existem hoje e o neocolonialismo sejam de fato globais no seu alcance e na maneira como se articulam no espaço-tempo mundial, as experiências dos oprimidos são complexas, localizadas, marcadas por especificidades impossíveis de se reduzir a um modelo fixo de subjetividade. Aliás, fixar identidades sempre foi a estratégia de poder por meio da qual o colonialismo legitimou a invasão sobre os territórios coloniais.

Conforme Santos, refundar a *Nuestra América* significa transnacionalizá-la, repensar as políticas da igualdade, bem como as políticas da diferença, de maneira a

combater a diferença que desiguala e a igualdade que descaracteriza. Por fim, inaugurar uma nova cultura política:

Essa cultura política deverá concentrar-se nas seguintes tarefas: identificar as múltiplas articulações locais/globais entre lutas, movimentos e iniciativas; promover os embates entre, por um lado, as tendências e pressões da globalização hegemônica e, por outro, as coligações transnacionais capazes de lhes oferecer resistência, abrindo assim possibilidades para as globalizações contra-hegemônicas; promover a auto-reflexividade interna e externa de modo que as formas de redistribuição e de reconhecimento, estabelecidas no seio dos movimentos, reflitam as formas de redistribuição e de reconhecimento que as políticas emancipatórias transnacionais desejam ver implementadas no mundo (Santos, 2006: 217).

Retomar a história de Martí, compreender de onde ele falava, quais discursos se elaboraram a partir de sua memória e quais foram silenciados, são algumas das possibilidades advindas de reconhecer nele um *Mestre do Mundo*. As lutas contra a opressão e o colonialismo têm todas em comum as forças que as produzem como não existentes. Reescrever, continuamente, a história de Martí é confirmar que o mundo que ele imaginava, embora nunca o tenha visto, existe.

Referências Bibliográficas

Castro, Fidel. (1962) *Segunda Declaración de Habana*. Disponível em http://www.ciudadseva.com/textos/otros/segunda_declaracion_de_la_habana.htm.

Acesso em 13/01/2014.

Kirk, John M. José Martí and the United States: A Further Interpretation, *Latin America Studies*, 9, 2, 275-290. Disponível em <http://www.latinamericanstudies.org/cuba/marti.pdf>. Acesso em 18/02/2014.

Martí, José (1891/2001) El enemigo brutal. Versos Sencillos, in *Obras completas de José Martí*, v. I. Habana: Centro de Estudios Martianos. p. 102.

Martí, José (1891b/2001) ¿Qué me importa que tu puñal? Versos Sencillos, in *Obras completas de José Martí*, v. I. Habana: Centro de Estudios Martianos. p. 114.

Martí, José (1891/1983) Nossa América, in *Nossa América*. Antologia. Tradução Maria Angélica de Almeida Trajber. São Paulo: HUCITEC. p. 194.

Martí, José (1892/2001) Autonomismo e independencia, in *Obras completas de José Martí*, v. I. Habana: Centro de Estudios Martianos. p. 356.

Martí, José (1892b/2001) El partido revolucionário cubano, in *Obras completas de José Martí*, v. I. Habana: Centro de Estudios Martianos. p. 365.

Martí, José (1892c/2001) La política, in *Obras completas de José Martí*, v. I. Habana: Centro de Estudios Martianos. p. 337.

Martí, José (1894/2001) El tercer año del partido revolucionário, in *Obras completas de José Martí*, v. III. Habana: Centro de Estudios Martianos. p. 138.

Martí, José (1895/2001) Carta a Manoel Mercado, in *Obras completas de José Martí*, v. IV. Habana: Centro de Estudios Martianos. p.

Retamar, Roberto Fernández (1989) *Caliban and others essays*. Translated by Edward Backer. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Retamar, Roberto Fernández (1978) *Nuestra América y el Occidente*. México: Unión de Universidades de América Latina.

Santos, Boaventura de Sousa (2006) *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez.

Fontes eletrônicas consultadas

Portal José Martí. Disponível em <http://www.josemarti.cu/?q=node/53>. Acesso em 18/01/2014.

Biografia de José Martí. Disponível em: <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/m/marti.htm>. Acesso em 18/01/2014.

Free Cuba Foundation. Disponível em <http://www2.fiu.edu/~fcf/index.html>. Acesso em 18/02/2014.

Lista de Imagens

Imagem 1: José Martí.

Disponível em <http://cemiteriosfamosos.blogspot.pt/2013/01/jose-marti.html>. Acesso em 16/01/2014.

Imagem 2: Monumento de José Martí na Tribuna Antiimperialista, em Havana.

Disponível em: <http://blogosferacuba.org/tag/blogosfera/>. Acesso em 16/01/2014.